





VOLTAIRE

CÂNDIDO  
OU  
O OPTIMISMO

Tradução, notas e posfácio de  
RUI TAVARES

Ilustrações de  
VERA TAVARES

L I S B O A:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXII

© 2006, Rui Tavares e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Candide, ou l'optimisme*  
Originalmente publicado em 1759.

Título: *Cândido, ou o Optimismo*  
Autor: Voltaire  
Tradução, notas e posfácio: Rui Tavares  
Ilustrações: Vera Tavares  
Revisão: Tinta-da-china  
Orientação gráfica: Olímpio Ferreira

Edição de bolso  
1.ª edição: Maio de 2012  
ISBN 978-989-671-125-2  
Depósito Legal n.º 342211/12

# ÍNDICE

CÂNDIDO, OU O OPTIMISMO 7

*Notas e comentários* 173

*Voltaire, o Cândido e Portugal* 203



*Cândido*  
ou  
*O Optimismo*

TRADUZIDO DO ALEMÃO

D O

SENHOR DOUTOR RALPH

COM OS ADITAMENTOS QUE FORAM ENCONTRADOS  
NA ALGIBEIRA DO DOUTOR QUANDO MORREU  
EM MINDEN, NO ANO DA GRAÇA DE 1759





## CAPÍTULO PRIMEIRO

*Como Cândido foi educado num lindo Castelo,  
& como foi expulso do mesmo.*

VIVIA na Vestefália, no Castelo do Monsenhor o Barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem moço a quem a natureza fizera dádiva dos modos mais doces. A sua fisionomia era prenúncio da sua alma. Seu juízo era recto, seu espírito límpido; creio que por esta razão se lhe chamava Cândido. Os criados mais antigos da casa suspeitavam de que ele era filho da irmã do senhor Barão, e de um bondoso e honesto Fidalgo das vizi-nhanças com quem esta Donzela nunca quis casar por ele não ter conseguido comprovar mais de setenta e um costados de nobreza e ter deixado perder-se o resto da sua árvore genealógica pela injúria do tempo.

O senhor Barão era um dos mais poderosos senhores da Vestefália, pois o seu Castelo tinha portas e janelas. Até o salão era guarnecido de uma tapeçaria. Juntando todos os cães dos pátios das suas casas fazia-se uma matilha em caso de necessidade; os palafreiros faziam de picadores; o Vigário da aldeia era o seu Esmoler-mor. Todos lhe chamavam Monsenhor e se riam dele quando fazia contas.

A senhora Baronesa, que pesava para aí trezentas e cinquenta libras, atraía por isso uma enorme consideração e fazia as honras da casa com uma dignidade que

a tornava ainda mais respeitável. A sua filha Cunegundes, de dezassete anos de idade, era alta em cores, fresca, gorda, apetitosa. O filho do Barão parecia em tudo digno de seu pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido escutava suas lições com toda a boa-fé da sua idade e do seu temperamento.

Pangloss ensinava a Metafísico-teológico-cosmológico-nigologia. Provava de modo admirável que não havia efeito sem causa e que, neste melhor de todos os Mundos possíveis, o Castelo do senhor Barão era o mais belo dos Castelos, e a senhora a melhor das Baronesas possíveis.

«Está demonstrado, dizia, que as coisas não podem ser de outra forma: pois tendo tudo sido feito para um fim determinado, tudo se dirige para o melhor dos fins. Notai como os narizes foram feitos para levar óculos; e com efeito temos óculos. As pernas foram manifestamente instituídas para ser calçadas, e com efeito temos calças. As pedras formaram-se para ser talhadas e delas se fizeram Castelos; e com efeito Monsenhor tem um magnífico Castelo, pois o maior Barão da província deve possuir os melhores aposentos. E tendo sido feitos os porcos para serem comidos, com efeito comemos porco todo o ano. Em consequência, aqueles que defenderam que tudo está bem foram tolos; teria de se dizer que tudo está no seu melhor».

Cândido escutava com atenção, e acreditava inocentemente: pois achava a menina Cunegundes extremamente bela, embora nunca tivesse tido a audácia de lho dizer. Concluía que depois da felicidade de se nascer

Barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau da felicidade consistia em ser-se a menina Cunegundes; o terceiro, vê-la todos os dias; e o quarto, escutar o Professor Pangloss, maior Filósofo da província e, em consequência, do planeta inteiro.

Um dia Cunegundes ao passear-se perto do Castelo, no pequeno bosque a que chamavam parque, viu entre os arbustos o Professor Pangloss que dava uma lição de física experimental à criada de quarto de sua mãe, uma moreninha muito bonita e muito dócil. Tendo a menina Cunegundes muita inclinação para as ciências, observou sem tomar fôlego as experiências reiteradas de que foi testemunha; apercebeu-se claramente da razão determinante do Professor, dos efeitos e das causas, e regressou toda agitada, pensativa e cheia de desejo de sabedoria, imaginando que poderia muito bem ser a razão determinante do jovem Cândido, que poderia por sua vez ser a sua.

Encontrou Cândido regressando ao Castelo, e corou; Cândido corou também; ela deu-lhe os bons dias numa voz entrecortada, e Cândido falou-lhe sem saber que dizia. No dia seguinte após o jantar, ao sair da mesa, Cunegundes e Cândido foram dar consigo por detrás de um biombo; Cunegundes deixou cair o lençinho, Cândido apanhou-o, ela segurou-lhe inocentemente a mão, o jovem beijou inocentemente a mão da jovem donzela com uma vivacidade, uma sensibilidade e uma graça muito particulares; as suas bocas se encontraram, os seus olhos se inflamaram, os seus joelhos tremeram, as suas mãos se desencaminharam. O senhor Barão de

Thunder-ten-tronckh passou junto ao biombo, e, vendo tal causa e tal efeito, expulsou Cândido do Castelo aos pontapés no traseiro; Cunegundes desmaiou; foi esbofeteada pela senhora Baronesa logo que recuperou os sentidos; e tudo se transtornou no mais belo e agradável dos Castelos possíveis.

## VOLTAIRE, O *CÂNDIDO* E PORTUGAL

DEZ anos depois da publicação de *Candide, ou l'Optimisme*, o livro foi censurado em Portugal. Estávamos em 1769. A própria Real Mesa Censória funcionava há apenas um ano em substituição do antigo sistema tripartido de censura, sob o qual os livros tinham de obter aprovação da Coroa, da Inquisição e dos bispos para poderem «sair à luz pública», como se dizia. Nesse período inicial, os censores da Real Mesa tinham de acumular a censura das novidades editoriais com os livros que tinham ficado para trás. Recebiam também exemplares das remessas de livros que passavam pela alfândega, para saber se aqueles títulos podiam ou não ser comercializados pelo país (se podiam «correr»).

Saberia o censor português que aquele era um livro de Voltaire? É bem possível; já toda a gente o sabia ou imaginava desde o início, e as notícias corriam por carta, bem depressa, através de toda a Europa. Mas se o sabia, não se descoseu. Anotou metodicamente o nome do autor como Doutor Ralph, o ano da edição sob análise — 1766 —, o formato do volume — *in-octavo* —, o título — *Candide, ou l'optimisme* —, o idioma utilizado — francês —, e passou ao seu relatório propriamente dito. Este é seco e conciso: o livro em questão contém várias ofensas à nação portuguesa e às instituições do reino, incluindo a Santa Inquisição. Acima de tudo, é uma sátira à Universidade de Coimbra — a menina dos olhos do pombalismo, após a reforma de 1768 — porque supõe que esta poderia mandar que se fizessem autos-da-fé para conter terremotos. Cita-se a passagem correspondente. E em conclusão, determina-se que *Candide, ou l'optimisme* deve ficar suprimido

no armazém da Real Mesa, ser incluído na lista dos livros proibidos, e a sua circulação deve ser impedida por todos os meios. Dois deputados «coadjuvantes» — que tinham por missão ler a censura do seu colega e aprová-la — deram o seu assentimento. As três assinaturas acrescentaram-se no fundo da página: Joaquim de Santana [o censor], João Baptista de São Caetano e Luís do Monte Carmelo [os coadjuvantes]. E estava feito.

À vista deste exemplo, poderíamos reconhecer que as coisas entre Portugal e *Cândido* correram mal desde o início. O livro lançou a primeira pedra: a partir do seu capítulo quinto e da descrição do Grande Terramoto de Lisboa, os Portugueses são apresentados como fanáticos e supersticiosos ou, para ser mais justo, dominados por instituições fanáticas e supersticiosas, que queimavam por capricho dois homens que tinham comido frango sem gordura ou um outro que tinha casado com a comadre. Dez anos depois, o calhau voa em sentido contrário, com esta censura que citámos acima, e Portugal proíbe uma das grandes obras da literatura ocidental. Como é natural, o episódio não deixou de ter leituras rancorosas em Portugal, dando ou tirando «razão» a Voltaire. Basta lembrar que ele mexe bem fundo num trauma nacional, com raízes fortes no pombalismo: saber se «somos» ou não «atrasados» em relação à «Europa». Pois se a seguir ao terramoto Pombal mandou enterrar os mortos e cuidar dos vivos, se os únicos queimados pela Inquisição foram precisamente os adeptos do «castigo divino» (Malagrida e, em efígie, o Cavaleiro de Oliveira), se Lisboa foi reconstruída com uma planta geométrica, anti-sísmica, racionalista, «das Luzes», como pôde este arrogante francês desprever-nos assim? Mas então por outro lado, se não éramos ou somos atrasados, porque o proibimos? Censurar Voltaire, que vergonha! Ao fazê-lo, não lhe demos toda a razão de que carecia?

Vamos colocar estes agravos em contexto. Mas já se avisa que, quando estão em contexto, os agravos às vezes deixam de o ser.

Por aquela época o *Cândido* já era um enorme sucesso editorial e insucesso censório — uma coisa tinha certamente ajudado à outra. Logo no seu primeiro ano apareceram edições em vários países da Europa; Voltaire calculava que seis mil exemplares se tinham vendido no primeiro mês, quinze dias depois a conta já ia em vinte mil, números extraordinários para a época. O que é mais, apareciam as primeiras traduções: a inglesa primeiro, a alemã pouco depois. E como seria de esperar, apareciam também as proibições: em França, é claro, na Áustria também, mas sobretudo a glória suprema de ser incluído no *Index Librorum Prohibitorum*, da Santa Sé, logo em 1762, e em consequência proibido a todos os fiéis católicos. Voltaire não se preocupou muito com isso: já conhecia o *Index* de outras andanças.

Em suma, não foi só em Portugal que Voltaire foi proibido. Foi-o por toda a Europa: daí (também) os pseudónimos, o anonimato, as negações de autoria, as edições clandestinas sincronizadas, a demanda do público, etc.

Por outro lado, também não foi só Portugal que Voltaire satirizou no *Cândido*. Aliás, à excepção do Eldorado, que não existe, não se vê quem ele *não tenha satirizado*. Se os Portugueses são todos fanáticos e supersticiosos, serão todos os holandeses frios e desumanos? Serão todos os búlgaros (ou melhor, os soldados de Frederico da Prússia, amigo pessoal de Voltaire) cruéis e sanguinários? E serão os abaros (ou melhor, os soldados franceses que combatiam os prussianos na Guerra dos Sete Anos) outro tanto? Serão todos os espanhóis tiranos e arbitrários? Serão todos os vestefálios soberbos e arrogantes (ou, por outro lado, ingénuos e infantis)? Serão todos os ingleses loucos e implacáveis, matando um almirante «para encorajar os outros»? Sim e não. Dentro do *Cândido*, sim. Fora do *Cândido*, é muito simples: quem o não quiser ser, pois que o não seja.

Depois da sátira, pensemos um pouco na ironia, que consiste em querer dizer um coisa diferente daquilo que se escreveu. É um terreno perigoso para as interpretações: mas afinal deve-

mos limitar-nos àquilo que está lá escrito, ou antes dedicarmo-nos ao que imaginamos que se quis dizer? Cada caso será um caso. Em Voltaire, estou convencido de que nunca ninguém errou ao sobrestimar a sua ironia. Sendo assim, o caso muda de figura quando pensamos que o Portugal que está no *Cândido* não é o Portugal «real» que se reconstruiu após 1755, reformou a Universidade, curvou o poder dos inquisidores. Bem se sabe que esta é a frustração nacional desde que o abade Corrêa da Serra se atrasou a entregar o artigo sobre a nova Lisboa que provaria a toda a Europa — e aos leitores da enciclopédia em que colaborava — as nossas magníficas «luzes». Mas se Voltaire exagerou no poder dos inquisidores em Portugal, numa época em que eles começavam a perder poder, não era porque estivesse muito preocupado com os detalhes. Era porque precisava desses «inquisidores» para atacar outros que tinha ali mais por perto e que não podiam ser abalroados de frente.

Da mesma forma, naquele que é o outro grande «conto filosófico» de Voltaire, *Micromegas*, o protagonista gigante da estrela Sirius é expulso da sua terra pelo Grande Mufti. Não consta que haja Grandes Muftis em Sirius, nem que Voltaire se tenha preocupado muito a verificar esse facto. Mas havia (há sempre) Grandes Muftis em todo o lado, e era esses que se pretendia atingir. Assim, também todo o mundo é um Portugal dominado por inquisidores, o que, não ilibando os portugueses menos irónicos das suas culpas, permite aos outros vistas mais largas — e rir por último.

RUI TAVARES, 2006




## O AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET nasceu em Paris no ano de 1694 e foi registado como filho de um bem sucedido notário parisiense, François Arouet, e da sua esposa, embora ele próprio suspeitasse ser filho da Sra. Arouet e de um poeta menor. Após estudos num colégio jesuíta, no qual apreciou sobretudo as peças de teatro escolares, decidiu lançar-se numa carreira literária e na sociedade: uma e outra lhe valeram duas estadias na prisão da Bastilha (por uns panfletos satíricos primeiro, por uma briga com um nobre depois). Ao sair da prisão deu a si próprio o nome de Senhor de Voltaire. Foi dramaturgo, historiador, filósofo, divulgador científico, homem de negócios, membro da Academia das Ciências de França, agricultor, proprietário, investidor de capital de risco, activista dos direitos civis e humanos, homem da corte desterrado no campo e, sobretudo, o autor mais célebre, admirado e odiado do seu tempo. Morreu em 1778, pouco depois de regressar a Paris após um exílio de mais de vinte anos. A sua obra é extensíssima e nunca foi esgotada numa só colecção. A Voltaire Foundation, de Oxford, prevê publicá-la em 85 volumes. O *Cândido* é considerado o seu melhor «conto filosófico» e é uma das melhores novelas da história da literatura.

## A ILUSTRADORA

VERA TAVARES nasceu em 1972, em Lisboa. Licenciou-se em História da Arte e frequentou o curso de desenho do Ar.Co. Depois de uma passagem pela publicidade, passou a dedicar-se exclusivamente ao design gráfico e à ilustração. É autora de uma banda desenhada intitulada *O Medonho Composto* e ilustrou o *Micromegas*, de Voltaire (Íman Edições, 2001). Os seus trabalhos têm sido exibidos em publicações como o *Diário de Notícias*, o *Público* e a *Vida Mundial*, bem como em exposições individuais e colectivas.



Esta edição de  
*CÂNDIDO,*  
*ou O Optimismo,*  
foi composta em caracteres  
Hoefler Text e impressa na Guide  
- Artes Gráficas, em papel Coral  
Book de 80 gramas. Tiraram-se  
1500 exemplares, no mês  
de Abril de 2012.